

## A PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO NA AVENIDA PARALELA: ASPECTOS DA CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA EXPANSÃO DE SALVADOR

Itamar Vieira Junior<sup>1</sup>

**RESUMO:** *A expansão urbana de Salvador - Brasil, particularmente do mais recente vetor de expansão da cidade, a Avenida Luiz Viana Filho, é o objeto de análise desse artigo e, através da investigação dos principais agentes de sua transformação espacial, mostra sua consolidação como o espaço valorizado e de sua diferenciação estrutural. A pesquisa, igualmente aborda problemas fundamentais que possibilitam um conhecimento sobre a dinâmica espacial da cidade em relação a sua expansão urbana e à ocupação dos terrenos ociosos, a partir de sua infra-estruturação, evidenciada dessa forma, com a construção de um vetor que ia orientar a direção das novas habitações e empreendimentos numa ação a princípio promovida pelo Estado, e, mais tarde, inserida na lógica de mercantilização do espaço. A metodologia privilegiou um levantamento documental sobre os agentes que fomentaram a sua ocupação. A delimitação da área de estudo que compreende o espaço da avenida e seu entorno imediato, foi fundamental para a compreensão, não só das funções, mas também das diferenciações existentes neste espaço, ajudando a traçar um perfil socioeconômico, a partir da análise dos dados do Censo Demográfico do IBGE de 1991, 1996 e 2000. Em virtude de um planejamento estratégico, resultado da infra-estrutura empreendida nessa área, reflexo do processo de industrialização da região de Salvador e do seu crescimento populacional, fomentou-se uma produção social diferenciada ao longo da avenida com a instalação de diversos serviços de shoppings, concessionárias de veículos, faculdades, conjuntos habitacionais de classe média e áreas de ocupação de população de baixa renda.*

**Palavras-chave:** Vetor de expansão; Configuração espacial; Estado

### INTRODUÇÃO

Este é um estudo sobre o fenômeno da expansão urbana na cidade de Salvador, mais particularmente, do mais recente vetor de expansão da cidade, a Avenida Luiz Viana Filho - Paralela Pretende-se dessa forma mostrar o processo de ocupação e apropriação deste espaço, desde sua inauguração em 1971 até os dias atuais, que transformaram a Avenida Paralela no mais importante vetor de expansão de Salvador, possibilitando a ocupação de uma área de aproximadamente 100 quilômetros quadrados, ou seja, o equivalente a 29,23% da superfície do município.

A pesquisa, igualmente, aborda problemas fundamentais, possibilitando um conhecimento sobre a dinâmica espacial da cidade com relação a sua expansão urbana e à ocupação dos terrenos ociosos, a partir de sua infra-estruturação, evidenciada assim com a construção do vetor “Paralela” e que ia orientar a direção das novas habitações e empreendimentos, numa ação, a princípio, promovida pelo Estado, e, mais tarde, inserida na lógica de mercantilização do espaço.

A tentativa do Estado de motivar a expansão urbana, com a construção de uma avenida de grande extensão - 14 quilômetros - nas terras rurais do município e a instalação de

---

<sup>1</sup> Licenciado em Geografia pela Universidade Federal da Bahia. Ex- bolsista de iniciação científica do CNPq e pesquisador do projeto “Produção do Espaço Urbano”. E-mail: [itavieira@hotmail.com](mailto:itavieira@hotmail.com). Orientadora: Maria Auxiliadora da Silva, Doutora em Geografia pela Universidade de Strasbourg/FRA, professora do Departamento de Geografia da Universidade Federal da Bahia (graduação e pós-graduação) pesquisadora do projeto “Produção do Espaço Urbano. E-mail: [dorasilv@ufba.br](mailto:dorasilv@ufba.br).



equipamentos, como o Centro Administrativo do Estado, e a construção de nove conjuntos habitacionais, que, juntos, totalizariam mais de 11.150 novos domicílios, aliada ao aumento de seu “poder” de circulação com mais seis novas avenidas que a ligariam à Orla marítima e ao “Miolo” da cidade, tornaram a área em um espaço privilegiado em relação aos outros vetores de expansão da cidade.

Hoje, mais de trinta anos depois, o número de domicílios ultrapassa os 80.000, e, junto a estes, estabeleceram-se também faculdades, *shoppings*, hipermercado, concessionárias, observando uma pluralização de funções que tornaram o espaço da Avenida, antes com funções estritamente administrativa e residencial, em um espaço valorizado; segundo os corretores imobiliários, um dos metros quadrados mais caros da cidade (A TARDE, 30/11/2002).

Entretanto existem bolsões de pobreza que surgiram ao longo dos anos, como o Bairro da Paz e as ocupações ao redor do CAB. No processo de produção do espaço, distinguem-se vários ritmos da evolução dos lugares. Isso porque o próprio processo de produção é desigual, em decorrência de fatores que condicionam a estruturação e formação do espaço urbano. “[...] o desafio de desenhar uma cidade está em construir harmoniosamente as experiências no espaço, ao longo do tempo” (PINHEIRO, 2002, p.21)

O estudo mostra a evolução da ocupação do entorno da Avenida, traçando um perfil espacial característico dessa evolução, utilizando o histórico das expansões do município e dados demográficos dessas ocupações, contextualizando a sua construção, que ajudaram a caracterizar as diferenciações ao longo da área que repercutem com uma valorização distinta em todo seu trecho.

## METODOLOGIA

A pesquisa priorizou algumas ações para traçar um perfil socioeconômico da evolução da ocupação da Avenida:

- levantamento histórico das características das expansões da cidade, enfatizando as que ocorreram no século 20, para entender melhor os agentes que fomentaram sua ocupação.
- levantamento teórico, para fundamentar conceitos-chave relevantes para a pesquisa como vetor de expansão, fluxos, circulação e valorização.
- análise de dados demográficos do Censo do IBGE, de 1991, 1996 e 2000, para entender a configuração espacial da Avenida e suas diferenciações estruturais.
- espacialização dos dados tabulados através de representações cartográficas.

A delimitação da área de estudo, que compreende o espaço da Avenida e seu entorno imediato, foi fundamental para traçar um perfil socioeconômico e evolutivo da população que a ocupa, compreendendo assim suas diferenciações espaciais. A malha de setores censitários do IBGE utilizada foi agregada em 14 conjuntos que correspondem, aproximadamente, aos limites de bairros do entorno. Alguns espaços sem ocupação, como as áreas próximas ao conjunto de setores de Mussurunga ou Pernambués receberam respectivamente o nome das zonas de informações as quais pertencem, nesse caso, Canabrava e 19 BC, por exemplo.

As variáveis selecionadas para a pesquisa foram as de números de habitantes, domicílios e renda por chefe de domicílio, que possibilitaram uma visão simples e dinâmica da ocupação da avenida nos últimos quinze anos.

A pesquisa contemplou resultados expressivos com relação à configuração espacial da Avenida, compreendendo o histórico das expansões da cidade, em especial essa última fase, analisando dados dos últimos censos demográficos que permitiram traçar um perfil socioeconômico do seu entorno, argumentos para entender o processo de ocupação e sua consolidação como importante vetor de crescimento.

## O CONTEXTO DAS EXPANSÕES

Existem duas formas de resolver os problemas de circulação gerados pela cidade industrial:

1. Intervenção na cidade: reformas e modificações nas estruturas existentes.
2. Expansão: construção de novos espaços.

Salvador, no século 20, passa por esses dois processos: na primeira metade do século, ocorre uma intervenção na malha existente, seguindo o modelo da urbanização “haussmanniana”, ressaltando as reformas de J.J. Seabra, e, na segunda metade, uma expansão para as terras ociosas do município, seguindo o modelo urbanizador americano que, para melhorar a circulação abrem, as “park-ways”, cuja característica é o aproveitamento das linhas de fundo de vale e o paisagismo das vias, exemplo daquelas construídas em fins da década de 60, como a Avenida Paralela.

A mudança nas estruturas da cidade, no início do século 20, gera a necessidade de uma reforma urbana – “conjuntos de intervenções realizadas no tecido urbano existente, transformando sua malha, introduzindo melhoramentos, e delineando um novo modelo ideológico e cultural” (PINHEIRO, 2002, p.21).

O mais importante processo de urbanização, na primeira metade do século, ocorre em Salvador, entre 1912 e 1916, com a reforma central da cidade, ampliação de vias já existentes, com demolição de edificações na Rua Chile, Rua da Misericórdia e na Avenida Sete de Setembro, que vem a consolidar a orientação da expansão da cidade para a parte norte do sítio. Esta reforma em boa parte foi influenciada pela reforma urbana da capital, o Rio de Janeiro (1902-1906), que, por sua vez, segue o modelo das reformas do Barão de Haussmann, em Paris.

A cidade continua com as reformas durante o período pós-Seabra. Alguns projetos rodoviários são implantados no período da Segunda Guerra Mundial, construídos pelos americanos, importantes na abertura para ocupação de novas áreas dos municípios. Salienta-se a construção por volta de 1940, concomitante a instalação do aeroporto, da rodovia Campinas-Aeroporto - a atual Estrada Velha (Av. Aliomar Baleeiro) - um vetor que vai ampliar a circulação pelos terrenos centrais e não ocupados. A cidade cresce ainda mais, a partir da exploração de petróleo no Recôncavo Baiano e da implantação da Refinaria Landulpho Alves - RLAM (1954), em Madre de Deus.

As perspectivas econômicas, geradas pelo crescimento demográfico com a implantação da refinaria de petróleo, fizeram perceber as necessidades de soluções para o problema de circulação da cidade. Estudos foram iniciados em 1943, pelo engenheiro Mario Ferreira Leal, que culminou em um decreto lei (nº 701 de 1948) e dotava a cidade de um planejamento urbanístico moderno, com uma grande malha viária que aumentaria a circulação, mas, só vinte e cinco anos depois é que o plano passou a ser executado. Com o começo de um ciclo “ambicioso” de industrialização, concretizado com a instalação de dois importantes núcleos industriais: o CIA - Centro Industrial de Aratu (1966) e o COPEC - Pólo Petroquímico de Camaçari (1972). Segundo Souza (2000, p.122), os primeiros impactos espaciais, provocados pelo novo ciclo de industrialização moderna, foram resultado de investimento maciço do setor público no âmbito de uma política federal de desenvolvimento regional, dentre os quais vale ressaltar a construção de uma nova estrutura viária para a demanda criada pela necessidade de circulação.

Essas medidas contribuíram para grandes transformações na estrutura urbana de Salvador, por exemplo, ampliando as articulações espaciais contínuas com os municípios vizinhos de Simões Filho, Candeias e Camaçari, sedes dessas novas áreas industriais, integrantes da então instituída Região Metropolitana de Salvador.

O Estado assumiu o papel de propulsor do processo, criando uma nova base institucional-administrativa, como também se fez presente na transformação do ambiente construído, através de vários tipos de intervenção física, implantando um amplo e moderno sistema viário, grandes equipamentos urbanos, e, especialmente ampliando o parque imobiliário, com a produção intensiva de novas habitações [...] (SOUZA, 2000, p.122).

O final dos anos sessenta representa um importante marco no processo de crescimento urbano da cidade. A implantação dos parques industriais fomenta a construção de um moderno sistema viário, que agora dá acesso aos vales e abre novas fronteiras urbanas.

## CONFIGURAÇÃO ESPACIAL DA AVENIDA PARALELA

A Avenida Luiz Viana Filho (Paralela, assim chamada pela população por conta de seu traçado paralelo à orla marítima), com 14 quilômetros de extensão, surge neste período de reforma urbana. As obras foram iniciadas em 1967, a primeira pista concluída em 1971, e a segunda entregue em 1974. Idealizada pela necessidade de uma via direta para o município, um vetor de expansão para as terras ociosas da cidade, a Avenida abriu a possibilidade de ocupação de uma área de aproximadamente 100 quilômetros quadrados, incluindo seu entorno. Nesta época, quase a totalidade da população se concentrava em uma área equivalente a 30% dos 309Km<sup>2</sup> de sua superfície:

Salvador conhece a intensificação dos processos de ocupação urbana das últimas áreas livres do território municipal e a densificação da ocupação de outras áreas, especialmente com a verticalização. Isso provoca a forte tendência a uma contínua e rápida reestruturação hierárquico-funcional de áreas da cidade, com repercussão na circulação, gerando crises e conflitos sócio-espaciais e ambientais, acentuados pelos frágeis processos de planejamento e gestão do município. Como consequência, a centralidade torna-se mais difusa (SILVA, 2003, p.111).

Um novo centro urbano é dinamizado pela construção da nova rodoviária interestadual e do *Shopping Iguatemi*, no entrocamento entre o Acesso Norte (BR 324) e a Avenida Paralela. Também o novo Centro Administrativo da Bahia é construído, consolidando assim um novo espaço privilegiado ao longo da Avenida. Nessa década (setenta), as principais zonas de expansão eram a faixa da orla oceânica equivalente a Amaralina-Pituba até Itapuã e as áreas entre a BR 324 e a orla da Baía de Todos os Santos.

Só em fins da década de setenta, alguns pólos habitacionais financiados pelo Estado foram implantados nas recém desbravadas terras ociosas do município, agora alcançadas pela Paralela: Conjunto Nova Sussuarana, Conjunto Guilherme Marback, Complexo Urbanístico da Narandiba, Condomínio Rio das Pedras, Moradas do Imbuí, Quintas e Vivendas do Imbuí, Moradas da Ilha Bela, e o Conjunto Habitacional Mussurunga I e II.

A Avenida consolida-se então como importante vetor de expansão urbana, segundo o Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Salvador (2004), a única com importância metropolitana. Dessa forma a moderna rede viária metropolitana, concluída em seus eixos principais, é acrescida pela Estrada do Coco (situada em Lauro de Freitas e Camaçari), que prolonga a circulação da Paralela e da orla na direção ao Litoral Norte do Estado, vindo a estimular o amplo desenvolvimento turístico nessa região.

Nos últimos cinco anos, observou-se, na área da Avenida, um grande desenvolvimento e ocupação das áreas ociosas do seu entorno. Com uma função ainda predominante residencial,

hoje, é possível perceber uma pluralização de funções: *universitária* com a implantação de três *campi* universitários privados, residencial com conjuntos habitacionais classe média e residências baixa renda e *comercial* com hipermercado, *shoppings centers*, concessionárias de veículos, entre outros. Mas ainda persistem áreas verdes e sem ocupação em alguns trechos, como o do Parque Metropolitano de Pituacú, a área do 19º Batalhão de Comando do Exército, a área próxima ao bairro de Mussurunga e áreas próximas a Patamares, que abriga agora o Condomínio Alphaville, hoje uma das áreas mais valorizadas de toda a cidade.

Percebe-se, ao longo da área, uma ocupação descontínua estruturalmente, heterogênea tanto no setor sul, quanto no setor norte da Avenida, com destaque para as áreas de terrenos ociosos que resistem e tornam-se em reservas de valor, para especulação futura como ocorreu com os terrenos do Alphaville Salvador, que somente no último ano valorizaram 67%, e o metro quadrado tem um preço aproximado de US\$ 95,72. (Gazeta Mercantil, 24/11/2003).

## PERFIL SOCIOECONÔMICO DA ÁREA

Foram analisados os dados dos censos demográficos de 1991, 1996 e 2000, nos 14 conjuntos (bairros) dos setores censitários que formam o entorno imediato da Avenida. As variáveis selecionadas para traçar o perfil da área foram população, número de domicílios e renda, que revelaram importantes informações sobre as características da expansão nessa área da cidade.

Observe (tabela 1) a evolução da população da área em um período de 10 anos (1991 – 2000):

Tabela 1 – População da Avenida Paralela (1991 – 2000)

Bairro ou região	População		
	1991	1996	2000
19 BC*	1834	1812	3801
Bairro da Paz	11278	16100	17855
CAB	2767	1828	4985
Canabrava*	0	0	0
Flamboyants/ Vale dos Lagos	12523	18094	25754
Imbuí	19215	23689	25528
Itapuã	35561	39113	48966
Mussurunga	21009	28020	33744
Narandiba	29664	35891	39351
Patamares	3028	2762	3357
Pernambués	35561	37906	45451
Pituacú	1213	291	473
São Cristóvão	22815	29808	31880
São Rafael	15565	16506	22167
Total	212116	251820	303312

Fonte: IBGE (1991 – 2000)

O crescimento populacional da Avenida, entre 1991 e 2000, atingiu 43%, bem mais que a taxa média de crescimento de Salvador. Os bairros com os maiores crescimentos nesse período foram a região de Flamboyants/Vale dos Lagos com 105%, a região do CAB com 80% e o bairro de Mussurunga com 60%. Segundo Villaça, estudioso do espaço intra-urbano e do fenômeno de expansão: “As rodovias – especialmente as expressas – provocam crescimento mais rarefeito e descontínuo e menos nucleado que as ferrovias.” (1998, p.70).

A produção de novas unidades domiciliares também ocorre de forma descontínua, mas, em compensação, de forma nucleada, em torno de bairros já consolidados. Durante os últimos

anos da década de 70 até 1983, 11500 unidades domiciliares foram construídas pelo Estado e entregues à população. As demais residências construídas após esse período foram ou por grupos imobiliários privados ou pela população, no formato de “auto-construção”, que caracteriza a ocupação espontânea.

O número de domicílios, que era pouco mais de 11.500 em 1980, passou para 51.002 em 1991 e 83.159 em 2000 (tabela 2).

Tabela 2 - Número de Domicílios da Avenida Paralela (1991 – 2000)

Bairro ou região	Número de domicílios		
	1991	1996	2000
19 BC*	395	477	1094
Bairro da Paz	3034	4122	4661
CAB	649	438	1338
Canabrava*	0	0	0
Flamboyants/ Vale dos Lagos	3325	5104	7959
Imbuí	4684	6262	7221
Itapuã	8153	9533	12881
Mussurunga	4551	6733	8579
Narandiba	7390	9734	11109
Patamares	737	712	849
Pernambués	8173	9414	12266
Pituaçú	258	76	115
São Cristóvão	5246	7333	8289
São Rafael	4407	4772	6798
Total	51002	64710	83159

Fonte: IBGE (1991 – 2000)

Essa produção de novas habitações no entorno da Avenida, entre 1991 e 2000, ficou em torno de 63%, com destaque para as regiões de Mussurunga (101%) e Flamboyants/Vale dos Lagos (139,3%) que dobraram este número em período inferior a 10 anos. Essas novas ocupações correspondem em sua grande maioria a construções espontâneas e de baixa renda, que surgem ao redor de núcleos habitacionais já consolidados, como a comunidade de Vila Verde em Mussurunga.

Com relação à população da área, foi possível identificar que, em 2000, as aglomerações mais expressivas eram as de Itapuã (48.966 habitantes), seguido de Pernambués (45.451), Narandiba (39.351) e Mussurunga (33.744).

A densidade demográfica (figura 1) é descontínua e diferenciada: áreas como a de Pernambués com uma concentração de 40.080 habitantes /km<sup>2</sup> (2000) contrasta com áreas de vazios demográficos ao longo da Avenida. A ocupação é mais concentrada na primeira parte da Avenida (setor sul) nos bairros de Pernambués, Narandiba e Imbuí e no final (setor norte) com os bairros de Itapuã, São Cristóvão, Mussurunga e Bairro da Paz.

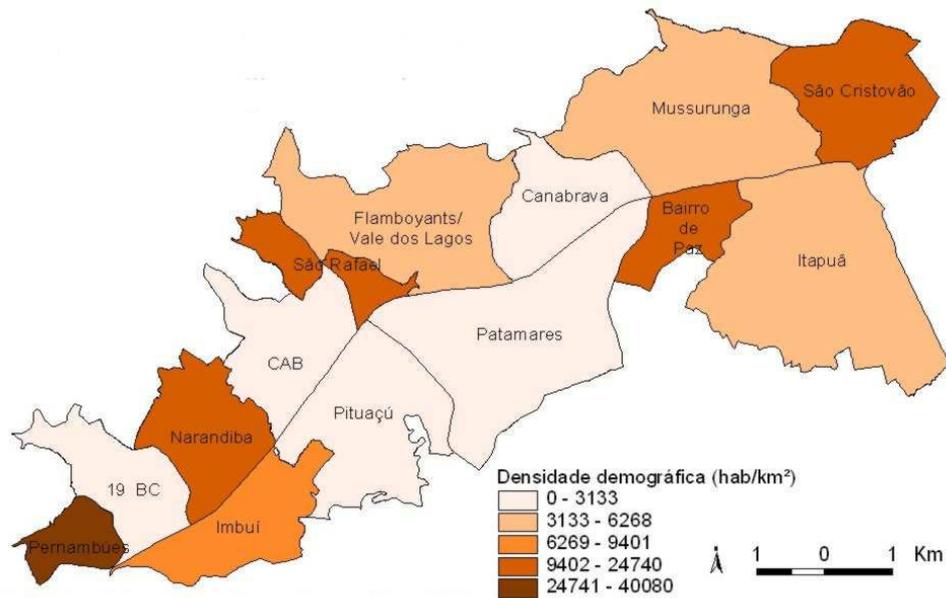
Entre o setor norte e sul, verificam-se áreas sem ocupação, como a área de Pituaçú (onde existe o Parque Metropolitano), Patamares, 19 BC, Canabrava e CAB. A região de Pituaçú e do CAB são as que mais sofrem pressão de ocupação com invasões. Já o Flamboyants/Vale dos Lagos teve um aumento significativo, passando de 2.346 em 91, para 4.825 habitantes/km<sup>2</sup> em 2000, seguido do Bairro da Paz onde a concentração aumenta de 8.422 (1991) para 10.967 (2000) habitantes/km<sup>2</sup>.

A variável renda foi analisada considerando a porcentagem de chefes de domicílios por faixa salarial, considerando como parâmetro o salário mínimo em 1991 e 2000. Em 1991 as áreas com as maiores concentrações de chefes de domicílios que recebiam até dois salários mínimos eram o Bairro da Paz com 76%, o CAB com 75% e São Cristóvão com 63%.



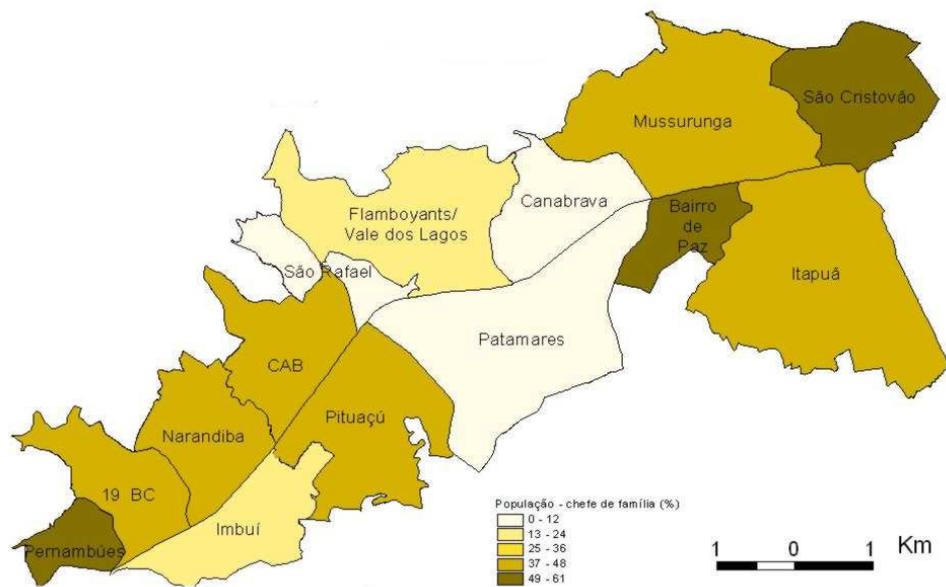
Os bairros com menor concentração de chefes de domicílios ganhando até dois salários mínimos nesse período é a área de São Rafael com apenas 18%, Flamboyants/Vale dos Lagos com 25% e Imbuí com 26%. No Imbuí 21% recebiam entre 10 e 20 salários mínimos, e 10% acima de 20 salários mínimos, bairro com os melhores índices de renda de toda a Avenida.

Figura 1 – Densidade Populacional da Avenida Paralela 2000



Fonte: IBGE, 2000.

Figura 2 - Chefes de domicílios com renda até dois salários mínimos na Avenida Paralela 2000



Fonte: IBGE, 2000.

Em 2000 (figura 2), o CAB tem uma redução no número de chefes de domicílios que recebem até dois salários mínimos que passa de 76% para 45%; no Imbuí também houve uma redução passando de 25% para 16%.

## CONCLUSÃO

Para essa etapa recente da expansão de Salvador, o Estado foi o principal agente da produção do espaço urbano e teve um papel fundamental no fomento da ocupação de áreas até então não povoadas do município. Com ações pontuais em alguns trechos da Avenida, como a instalação do CAB e dos conjuntos residenciais, o Estado atua de forma não homogênea no espaço, e essa heterogeneidade acentua uma “valorização” diferencial de uma área para outra.

O Centro Administrativo do Estado da Bahia consolida-se dessa forma como um primeiro incentivador do fluxo, e, sucessivamente, das novas ocupações na área. A via direta para o aeroporto também gera fluxos, por ser o acesso mais fácil e o caminho mais curto também.

O capital constante fixo ou localizado chega, aliás, a toda parte apoiado pela expansão da rede de estradas de ferro e de rodagem que vão assegurar uma circulação mais rápida e relativamente mais barata, sem a qual o abastecimento de cidades se tornaria impossível (SANTOS, 1997 p.42).

Para Santos (1997, p.77), os fluxos são o movimento, a circulação e são subsidiados pelos fixos do espaço, os equipamentos que garantem e pontuam, por exemplo, o espaço econômico. Dessa forma o novo centro que se dinamiza na região do *Shopping* Iguatemi, na parte sul da Avenida e se consolida ao longo dos anos, acrescenta circulação e “fôlego” para a nova fronteira de ocupação da cidade. E a partir desses núcleos, CAB, aeroporto e o *shopping*, outros fixos se instalam, motivando uma ampliação dos fluxos na área. A Avenida Paralela não está mais tão isolada e distante agora do centro comercial e financeiro, hoje instalado na Avenida Tancredo Neves, articulada à própria Paralela, já que ela mesma garante a boa localização e acessibilidade aos novos “centros”. O processo de descentralização da capital é reflexo dessa última etapa da expansão.

É nessa medida que o uso do solo ganha um tom especulativo na área e seu valor está atribuído a um processo de mercantilização do espaço urbano (1997, p.44). Um espaço produzido pelo trabalho que, por sua vez, gera valor aos equipamentos instalados e à terra - localização de seu entorno. A aglomeração urbana gera o “valor-localização” : “ Esse valor é dado pela localização dos edifícios, ruas e praças, pois essa localização que os inserem na aglomeração ” (VILLAÇA, 1998, p.72).

É justamente a partir da localização privilegiada em relação a equipamentos importantes na nova dinâmica da cidade, que novos fixos ao longo dos anos vão se instalando ao longo da Avenida. Agora as terras recém-ocupadas, tornam-se bastante valorizadas em relação a outros terrenos do município:

A localização se apresenta assim como um valor de uso da terra – dos lotes, das ruas, das praças, das praias – valor que no mercado, se traduz no preço da terra, tal como qualquer valor, o da localização também é dado pelo tempo de trabalho socialmente necessário para produzi-la, ou seja, para produzir a cidade inteira da qual a localização é parte (VILLAÇA, 1998, p.72).

A Avenida contribui também para o processo de suburbanização da metrópole, com núcleos de habitação ao melhor estilo “subúrbio americano”, caracterizado por residências

unifamiliares (crescimento horizontal), principalmente nos municípios de Lauro de Freitas e Camaçari, em condomínios de luxo e classe média, como Villas do Atlântico, Encontro da Águas e Busca Vida, já na década de 80. Em Salvador, está em construção o Condomínio Alphaville Salvador, que teve seus lotes vendidos no início de 2003 em 48 horas, com uma rápida valorização dos lotes que, em um ano, atingiram 67%.

Mas junto a este processo de valorização mercantil do espaço urbano, surgem conflitos sócio-espaciais, verificados na área, como no Bairro da Paz e áreas adjacentes ao CAB, por exemplo. Essa pressão habitacional que as áreas valorizadas da Avenida sofrem são reflexos do próprio processo excludente de direito a terra urbana, o solo como reserva de valor, um paradoxo, quando é levado em consideração as altas taxas de densidade demográfica de alguns trechos, e a demanda por terrenos livres para construção que a população tem. É a garantia dessa demanda e a possibilidade que os proprietários da terra têm de especular, fazendo com que “[...] a terra rural atinja o estágio de potencialmente urbana, antes, no tempo e no espaço, de sua efetiva ocupação por atividades urbanas.” (VILLAÇA, 1998, p. 80) Porém essa luta pela apropriação do espaço urbano pelo menos na Avenida Paralela tem sido vencida pelas grandes corporações imobiliárias: No Bairro da Paz, por exemplo, verifica-se um “estancamento” no avanço das habitações de baixa renda, cedendo a pressão dos conjuntos residenciais de classe média de Piatã.

A Avenida Paralela se consolidou como um vetor de expansão valorizado, graças às ações do Estado para fomentar uma ocupação privilegiada na área. A perspectiva era a da valorização dos terrenos, justamente num período em que Salvador carece deste recurso. O estímulo ao povoamento foi dado pelo Estado, e depois inserido na lógica da especulação imobiliária. O vetor orientou não só a direção das novas habitações da cidade, como influenciou de maneira importante na expansão das habitações dos municípios da região metropolitana, parte de um processo maior: o da metropolização.

## REFERÊNCIAS

- CONDER, Base cartográfica do quadro ambiental da Região Metropolitana de Salvador, Salvador, 2000.
- PINHEIRO, E. P. *França, Europa e Bahia- difusão e adaptação de modelos urbanos*, EDUFBA, Salvador, 2002
- RODRIGUES, A. M. *Moradia nas Cidades Brasileiras*. 5ª edição, Contexto, São Paulo, 1994.
- SANTOS, M.. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. 5ª edição, HUCITEC, São Paulo, 1997.
- SCHEINOWITZ, A.S. *O Macro Planejamento da Aglomeração de Salvador*. Secretaria da Cultura e Turismo, EGBA, Salvador, 1998.
- SILVA, S. B. M. e Silva, B. N. *Estudos sobre globalização, território e Bahia*. UFBA, Mestrado em Geografia, Departamento de Geografia, Salvador, 2003.
- SOUZA, A. G. *Limites do Habitar: segregação e exclusão na configuração urbana contemporânea de Salvador e perspectivas no final do século 20*. EDUFBA, Salvador, 2000.
- VILLAÇA, F. *O Espaço Intra-urbano no Brasil*. Studio Nobel, São Paulo, 1998.

A TARDE, Salvador, 30/ 11/2002.

GAZETA MERCANTIL, Brasília, 24/11/2003.